

A INFLUÊNCIA DO ESTADO EM RELAÇÃO ÀS REPRESSIONES SOCIAIS EM FAHRENHEIT 451: DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA À ANÁLISE DO DISCURSO HISTÓRICO- LITERÁRIO*

THE INFLUENCE OF THE STATE IN RELATION TO SOCIAL REPRESSIONS IN FAHRENHEIT 451: FROM FLEMIC ADAPTATION TO THE ANALYSIS OF HISTORICAL-LITERARY DISCOURSE

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva 1

Aluno do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, câmpus da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, campus da Universidade Estadual do Ceará. Aluno da Graduação da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Unilab (UaB/Capes). E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br

Ensaio resultado de pesquisa na Disciplina Literatura Comparada no Curso de Letras (UECE/FAFIDAM), sob a orientação da profa. Dra. Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva.

Resumo: Este ensaio visa analisar a personagem principal Guy Montag, buscando comparar como a obra de Bradbury (1953) é intersemioticamente adaptada para outra linguagem, a cinematográfica, por Truffaut (1966) e que recursos fílmicos foram usados para a construção da narratividade, ambientação e práticas discursivas no filme. Baseamo-nos em Buber (1982); Oliveira e Junior (2009); Pereira (2007), Silva (2008) bem como nas próprias obras de Bradbury (2003) e no filme de Truffaut (1966). No limiar do enredo, vemos as atividades incessantes dos bombeiros em combater a leitura de livros por pessoas daquela cidade. Por isso, a personagem principal, Guy Montag é apresentada como um incinerador profissional de livros que possui no uniforme a prova de fogo emblemático 145, sendo, pois, descrito como um maestro que rege “todas as sinfonias de chama e labaredas para derrubar os farrapos e as ruínas carbonizadas da história” (F451¹, p.23). Concluímos, pois, que tanto o texto literário quanto o filme possuem similaridades/adequações necessárias, para que a enunciação dos conteúdos ficcionais, imagéticos, filosóficos, políticos, sociais e humanos sejam repassados a cada leitor/ouvinte e espectador em particular, mostrando que esse contexto relatado nas obras tem o intuito de refletir o ser-no-mundo em relação ao seu meio, enfim, percebendo como essas relações sociais podem moldar a personalidade dos indivíduos em detrimento daquilo que se quer conseguir.

Palavras-chave: Repressões Sociais. Adaptação Fílmica. Análise Intersemiótica.

Abstract: This essay aims at analyzing the main character Guy Montag, seeking to compare how the work of Bradbury (1953) is intersemiotically adapted to another language, the cinematographic one, by Truffaut (1966) and what film resources were used for the construction of narrativity, and discursive practices in the film. We are based on Buber (1982); Oliveira and Junior (2009); Pereira (2007), Silva (2008) as well as in the works of Bradbury (2003) and in the film of Truffaut (1966). At the threshold of the plot, we see the incessant activities of firefighters in combating the reading of books by people of that city. Therefore, the main character, Guy Montag is presented as a professional book incinerator that has in the emblematic fireproof uniform 145, being; therefore, described as a conductor who rules “all the symphonies of flame and flames to overturn the rags and charred ruins of history” (F451, p. 23). We conclude, therefore, that both the literary text and the film have necessary similarities / adaptations, so that the enunciation of fictional, imaginative, philosophical, political, social and human content is passed on to each particular reader / listener and spectator, showing that this context reported in the works is intended to reflect the being-in-the-world in relation to their environment, finally, realizing how these social relations can shape the personality of individuals to the detriment of what one wants to achieve.

Keywords: Social Repressions. Film adaptation. Intersemiotic Analysis.

1 Sistema de citação adotado por Oliveira e Junior (2009, p. 42).

Considerações Iniciais

Então, vê agora por que os livros são tão odiados e temidos?
Eles mostram os poros no rosto da vida. As pessoas
acomodadas só querem rostos de cera, sem poros, sem
pêlos, sem expressão.

– Ray Bradbury

Este ensaio visa analisar a personagem principal *Guy Montag*, buscando comparar como a obra de Bradbury (1953) é intersemioticamente¹ adaptada e reconfigurada discursivamente para outra linguagem, a cinematográfica por Truffaut (1966). Além disso, observamos quais recursos fílmicos foram usados para a construção da narratividade, ambientação e práticas discursivas no filme, sobretudo na construção literária de ficção de um Estado opressor no que se refere à liberdade das pessoas em terem acesso aos bens culturais, por meio da leitura de livros variados, sendo, dessa forma esses sujeitos sociais confinados e assujeitados ideologicamente pela presença do Aparelho Ideológico do Estado (AIE).

Baseamo-nos em Buber (1982); Oliveira e Junior (2009); Pereira (2007), Silva (2008) bem como nas próprias obras de Bradbury (2003) e no filme de Truffaut (1966), entre outros. Mas antes de analisar essas obras, é necessário perceber que “mesmo contando com meios de produção distintos, *literatura e cinema* se interpenetram com o processo de *adaptação fílmica* e desencadeiam questões relacionadas à suposta *hierarquia* existente entre eles” (SILVA, 2008, p. 13, grifos nossos).

Na pesquisa de Silva (2008), encontramos uma visão artístico-cultural para compreendermos que

a adaptação fílmica, muito mais do que um processo em que a intenção principal seja a reprodução do texto literário no cinema, constitui um mecanismo em que os deslocamentos são necessários. Dessa forma, temos como resultado do processo de adaptação fílmica a recriação do texto de origem através da manipulação dos recursos peculiares ao cinema na tentativa de redimensionar os significados da obra literária por meio da linguagem cinematográfica. (SILVA, 2008, p. 13-14, grifos nossos).

Apreende-se dos argumentos acima que é existente a necessidade de se adaptar às estruturas do texto literário para outra linguagem artística diferente com outros recursos visuais e com maior plasticidade do que o texto literário. Esta prática significa que haverá, pois, um redimensionamento dos significados do texto-fonte para outra linguagem específica, no caso a fílmica. Além do mais, Diniz (1998, p. 315) esclarece que devemos entender a *tradução intersemiótica do texto para a tela* como um “conjunto dos sistemas de signos cinematográficos pode ser considerado como um construto ao qual damos um significado”.

Uma leitura multimodal de múltiplas linguagens em *Fahrenheit 451*: da análise à discussão do discurso histórico- literário

Onde se lançam livros às chamas, acaba-se por queimar também os homens.
Heine (2001)

Para início de discussão, podemos notar que a sociedade apresentada tanto no romance *Fahrenheit 451* como no filme de mesma titulação nos mostra um espaço socioespacial no qual a

¹ Conforme Deniz (1998, p. 313) “a tradução intersemiótica, definida como tradução de um determinado sistema de signos para outro sistema semiótico, tem sua expressão entre sistemas os mais variados”.

felicidade e o incremento da tecnologia surgem intimamente relacionados e constituem conceitos indissociáveis, embora contraditórios².

Segundo Andrade (2005, p. 2) a temática principal tanto do livro em relação ao filme é resultado da “massificação de uma sociedade em um futuro não muito distante (de acordo com o livro, passa-se em 1991) que é alimentada pela televisão, ou seja, recebem todo o conhecimento de uma maneira condensada e manipulada ao gosto do Estado”.

Na ambientação inicial de ambas as obras, observamos que o que impera é o sentimento de conformismo e a alienação das personagens que ali vivem enclausurados em meio a tanta tecnologia e repressões sociais num espaço que mais parece um laboratório.

Segundo Puhl (2004), o cenário filmico, em *Fahrenheit 451*, é ambientado em uma cidade dos EUA, a paisagem não é futurista, não há presença de aparatos tecnológicos. A cidade é um misto entre progresso industrial e uma paisagem bucólica, onde o representante maior tecnológico está nas grandes telas de televisão domésticas e na pseudo-interação, entre os programas televisivos e os telespectadores, que chegam a chamar as personagens televisivas de “família”.

Cabe mencionar que a narrativa da obra de Bradbury é compreendida na categoria das “distopias”, não obstante de ser considerado como um livro quase que meramente de ficção científica. Nesse sentido, Roberto Causo explica que distopia é “a descrição de um lugar fora da história, em que tensões sociais e de classe estão aplacadas por meio da violência ou do controle social³”.

Nesse lugar, o discurso produzido por essas linguagens, remete-se a descrever as ações dos bombeiros que desempenham uma nova função: ao invés de apagar incêndios, sua tarefa é atear fogo aos livros que encontrassem, para que eles não perturbem a vida das pessoas honestas, cujas inquietações são sufocadas com uso de comprimidos narcotizantes e pela onipresença da televisão.

No limiar do enredo, vemos as atividades incessantes dos bombeiros em combater a leitura de livros por pessoas daquela cidade. Por isso, a personagem principal, Guy Montag, é apresentada como um incinerador profissional de livros que possui no uniforme a prova de fogo emblemático 145, sendo, pois, descrito como um maestro que rege “todas as sinfonias de chama e labaredas para derrubar os farrapos e as ruínas carbonizadas da história” (F451⁴, p.23).

Montag é a personificação do poder do Estado ao reprimir socialmente as pessoas num dado contexto social não é tão diferente do mundo em que vivemos, em que cada dia se vê como o poder coercitivo de quem o detém é capaz de querer reprimir, excluir e agir de violência com as classes desfavorecidas político e socialmente, sobretudo nas comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos do Brasil. Como podemos observar na análise de Alves (2016) ao relatar sobre “*O perigo do etnocídio: uma análise de fahrenheit 451*”, o autor analisa que

Para ilustrar o que acabei de descrever é só nos debruçarmos sobre o personagem principal do livro, Montag. Na obra, ele é um bombeiro responsável por manter a sociedade livre do “veneno” literário, seguindo sempre as ordens impostas pelo Estado, sendo assim, não cabe a ele questionar, pois se assim o disseram é assim que as coisas devem ser. Contudo, Montag não é uma exceção, mas apenas mais um em uma sociedade que não se questiona sobre o porquê de as coisas funcionarem como funcionam. Pensar e questionar não trazem benefícios e sim a desigualdade, o sofrimento, a ruína e é por esse motivo que livros devem ser banidos (ALVES, 2016)⁵.

Nesse sentido, Pereira (2007) argumenta que a obra de Bradbury apresenta um mundo

2 Ver: Pereira (2007, p.3) afirma que “em Fahrenheit 451 a tecnologia é apresentada como a antítese da felicidade, que é passível de ser atingida através do regresso à natureza e do contato com a literatura e filosofia”.

3 CAUSO, R. de S. *As distopias de George Orwell*. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/as-distopias-de-george-orwell/>. Acesso em 16 de fev. 2018.

4 Sistema de citação adotado por Oliveira e Junior (2009, p. 42).

5 Disponível em: <http://www.ochaplin.com/2016/02/o-perigo-do-etnocidio-uma-analise-de-fahrenheit-451.html>. Acesso em 17 de fev. 2018.

futuro em que a conjuntura social⁶ e política dos anos cinquenta é exagerada e deformada, demonstrando como o controle de massas pelos *media*, o excesso de população, e a censura subjugarão a população. O indivíduo não é aceito e o intelectual é considerado um fora da lei. É o que vemos no que foi reproduzido pela linguagem cinematográfica de Truffaut, embora algumas condensações sejam feitas para dar mais plasticidade às ações e aos personagens presentes no livro, mas que foram extinguidas no filme.

Na construção da diegese, em *Fahrenheit 451*, observamos que *Clarisse* questiona *Montag* sobre se ele é feliz, e *Montag* tem a certeza que sim, mas no decorrer da ação percebe que está muito longe de atingir a felicidade que julgava viver. Sendo que essa característica da felicidade é marcante em *Fahrenheit 451*, constituindo o motor que propulsiona a ação e a transformação de *Montag*.

Montag pensa que é feliz. Tem um bom emprego, uma família, uma casa cheia dos confortos do seu tempo. É a paz soberana, a suma felicidade. Mas eis que esta felicidade de plástico se quebra quando *Montag* começa a pensar, se transforma num indivíduo, começa a se inquietar quando é questionado por uma jovem da resistência se ele alguma vez havia lido um dos milhões de livros que queimou.

Ademais, ganha o sentido da curiosidade intelectual e pergunta a si próprio o que haverá naquelas coisas que queima que leva determinados indivíduos a arriscar a vida para tê-las em casa, ou mesmo a renunciar a essa vida quando as suas bibliotecas são descobertas.

Muito embora, o conformismo e individualismo são temas centrais em *Fahrenheit 451*, sempre presentes nas diferentes personagens: *Beatty* é o modelo do conformismo social, enquanto *Clarisse* constitui o paradigma do ser livre. Por sua vez *Montag*, tal como a Fénix renascida, passa de um estado a outro ao longo da ação.

A batalha por liberdade pessoal é crucial nesta obra, onde se demonstra o que poderá acontecer caso não seja permitida ao Homem a oportunidade de exprimir os seus pensamentos ou de lembrar o seu passado - a morte física, bem como espiritual é que sucede às personagens de *Beatty*. Através das personagens *Montag*, *Clarisse*, *Faber* (personagem ausente no filme) é possível ver que um indivíduo pode fazer a diferença na sociedade.

A personagem *Guy Montag*, o herói, mostra-se feliz com a ocupação profissional que detém, um bombeiro de terceira geração, orgulhoso do zelo com que incendia casas e livros e contente com o cheiro a querosene exalado pelo seu corpo. O emprego de *Montag* serve para situar o contexto desta sociedade em que os indivíduos aceitam sem pestanejar o fato absurdo de um bombeiro atear fogos às casas em vez de o apagar. A profissão de *Montag* constitui o auge da aceitação passiva e conservadora de um Governo opressivo.

Dessa forma, a grande crítica em *Fahrenheit 451* refere-se à falta de comunicação entre as pessoas e estas não conseguem sobreviver quando não há interação. Por esse motivo o suicídio e a falta de vontade de viver tornaram-se endêmicos. Os indivíduos passavam grande parte do tempo a ser “domesticados” pela tecnologia, que lhes dava as referências sobre como agir, como pensar, o que dizer. Como consequência da lavagem cerebral, quando as pessoas falavam umas com as outras não havia comunicação efetiva, uma vez que todos estavam de acordo, ninguém expressava a sua opinião e o diálogo tornava-se desprovido de significado.

O momento clímax nas obras é o acontecimento de que *Montag* mata queimado seu chefe *Beatty* e, por isso, é perseguido até que ele possa chegar aos grupos de *peessoas-livros*, ou seja, sujeitos que fugiram da cidade para as montanhas e viviam como mendigos por fora, mas cultos por dentro, sendo que cada um representava um livro.

O grupo da linha do comboio é constituído por um escritor, *Granger*, três professores universitários e um padre. “Meu nome Granger” (F451, p.154): mais uma vez é usado o artifício, através do qual o nome de uma personagem revela as características da sua personalidade.

Por outro lado, é um substantivo cujo significado está fortemente ligado à natureza, que em *Fahrenheit 451* simboliza o bom caminho da verdade, a cura física e espiritual e o encontro do ser humano consigo próprio. É *Faber* quem revela a *Montag* para onde se deve dirigir e quem deve

⁶ *Fahrenheit 451* utiliza a ficção científica e o leitmotiv da distopia - um regime totalitário, altamente centralizado e opressivo, que sacrifica a expressão individual em prol da eficiência e da harmonia social através de meios tecnológicos (PEREIRA, 2007, p. 135).

procurar, isto no livro, mas no filme essa função é feita por *Clarisse* devido à ausência de *Faber*.

Andrade (2015, p. 2) lembra que, ao analisar a linguagem e a construção narratológica do livro *Fahrenheit 451* e de sua adaptação à linguagem cinematográfica, existem diferenças comparativas que detectamos nesse processo intersemiótico, as que dizem respeito ao apagamento de uma das personagens, mas que, na verdade, não seria bem uma personagem, e sim um estratagema do governo “para controlar ainda mais a vida dos cidadãos americanos do mundo, de Ray Bradbury – o Sabujo Mecânico (em inglês, Mechanical Hound)”.

Algumas considerações finais

Por fim, nessas obras a visão perturbadora de uma sociedade futura, em que tudo o que poderia ocorrer mal, de fato acontece. As pessoas raramente saem de casa e são dominadas pela tecnologia. Perdeu-se a comunicação entre os seres humanos, uma vez que todos foram moldados para pensar e agir da mesma maneira, sem opinião própria, com mais ligações afetivas com os aparelhos tecnológicos do que com os seus semelhantes.

Sendo que ler a própria existência social só é plausível quando a contemplamos sem encarcerá-la ou restringi-la ao que refletimos, a leitura é um descobrimento de novos hortos nos textos de outrem, uma desterritorialização do que foi materializado na imagem, no texto ou na oralidade para que haja outros inventos. Os discursos não só conjecturam realidades, também as determinam emoldam os sujeitos sociais sociohistoricamente.

A imagem onde Montag tornou-se nada menos que o livro que decorou *Eclesiastes* está apenas no livro e não no filme, por analogia, entendemos que este denuncia as consequências de uma estrutura social injusta. O povo não tem presente, quando é impedido de usufruir do fruto do próprio trabalho. Consequentemente, fica sem vida, que lhe foi roubada não por esta ou aquela pessoa.

Por isso, observamos nesta análise que poucas modificações foram realizadas por Truffaut no filme, por exemplo, a ausência do professor *Faber*; a mudança do nome de Mildred, esposa de Montag, no filme é linda; no filme temos a presença de um cachorro mecânico; no filme, o autor usou uma caixa postal metálica para que as pessoas pudessem denunciar os vizinhos e até os mais próximos sobre práticas ilegais e contra a ordem pública.

Ressaltamos que tanto o romance quanto o filme possuem similaridades/adequações necessárias para que a enunciação dos conteúdos ficcionais, imagéticos, filosóficos, políticos, sociais e humanos sejam repassados a cada leitor/ouvinte e expectador em particular, mostrando que esse contexto relatado nas obras tem o intuito de refletir o ser-no-mundo em relação ao seu meio e como essas relações sociais podem moldar a personalidade dos indivíduos em detrimento daquilo que se quer conseguir.

Portanto, não resta dúvida que o acesso à leitura, a livros são instrumentos sociais de poder capazes de destruir a imbecilização, a opressão, amenizando conflitos impostos pelo Estado, resultado da organização de classes abastadas que se mantêm nas várias estruturas sociais, visando manter seus próprios privilégios em detrimento do trabalho árduo de uma grande parcela da sociedade que precisa tanto sobreviver às custas da própria força de trabalho.

Referências

ALVES, C. **O perigo do etnocídio**: uma análise de *fahrenheit 451*. 2016. Disponível em: <http://www.ochaplin.com/2016/02/o-perigo-do-etnocidio-uma-analise-de-fahrenheit-451.html>. Acesso em 17 de fev. 2018.

ANDRADE, F. H. D. de. Análise comparativa do filme e do livro *Fahrenheit 451*. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Ano III, Número 06, julho de 2005. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ZWnxGy9CyqrlAyW_2013-6-28-12-50-7.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2018.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. trad. São Paulo Globo, 2003.

DINIZ, T. F. N. Tradução intersemiótica: do texto para a tela. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, p. 313-338, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/4934>. Acesso em 17 de fev. 2018.

PEREIRA, E. C. F. R. de J. **Felicidade e Tecnologia em Fahrenheit 451**. 251f. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos). Universidade Aberta de Lisboa: Lisboa, 2007.

PUHL, P. Um estudo do discurso psicanalítico no filme Fahrenheit 451: a destruição do conhecimento. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

OLIVEIRA, M. F.S. de.; JUNIOR, R. dos S. B. Palavra e memória nos homens-livro de Fahrenheit 451: a literatura de ficção científica e a contemplação das ruínas do futuro. **Revista de Letras**, Rio de Janeiro: Edições Uesb, N.1, 2009.

SILVA, C. A. C. da. **A queda da casa de Usher: (Re)criação da atmosfera fantástica, do conto o filme**. 132f. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras-Literatura/Cultura). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2008.

TRUFFAUT, F. **Fahrenheit 451**: o filme. Inglaterra, 1966.

Recebido em 17 de fevereiro de 2018.

Aceito em 2 de junho de 2018.